

Kafka descarta moratória para a dívida deste ano

ARNOLFO CARVALHO
Da Editoria de Economia

ARQUIVO/CB

O representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional (FMI), Alexandre Kafka, disse ontem que "teria sido um grave erro" a suspensão unilateral dos pagamentos externos do país — a exemplo do que a Argentina anunciou na semana passada, através de comunicado aos credores — porque o Governo brasileiro já conseguiu "obter tudo de forma negociada" para acertar o refinanciamento de sua dívida externa de 1982, 83 e 84, sem precisar recorrer à declaração de uma moratória para resolver os problemas.

Admitiu que após o Carnaval o Brasil terá que partir para a renegociação do programa de financiamento externo para 1985, já que o acordo com o FMI e os contratos de crédito que serão assinados no final deste mês com os banqueiros privados, em Nova Iorque, cobrem apenas as necessidades deste ano e do próximo. O austriaco Kafka, que simultaneamente representa outros oito países junto ao Fundo Monetário há vários anos, esteve ontem por diversas vezes com o ministro da Fazenda, Ernan Galvão.

"Foi só uma visita de cortesia" — insistiu o economista, que tem o cargo de diretor do FMI por ser representante de países-membros daquele organismo. Na realidade ele acompanhou ontem e acompanhará hoje a finalização do pacote econômico que será aprovado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), reunindo-se com Galvão e com o presidente do Banco Central, Afonso Pastore. O resumo do orçamento monetário foi levado ao presidente da República no fi-



Kafka

nal da tarde, em despacho com o ministro da Fazenda.

"GRAVE ERRO"

Kafka garantiu que não está encarregado de levar para Washington o texto do orçamento monetário de 84, porque já está tudo acertado com o FMI. Disse também que o Brasil conseguirá cumprir as metas do "programa de ajustamento econômico" prometidas na Carta de Intenções para este ano, e que "está tudo tranquilo agora". Sobre o déficit público, que é a principal meta a nível interno, explicou que sua eliminação em 84 se dará apenas em termos reais (descontando a inflação), pois em termos nominais ainda haverá algum crescimento.

Ele acredita que na área externa o Brasil não enfrentará maiores dificuldades ao longo dos próximos doze meses, mesmo porque as taxas internacionais de juros — medidas pela **prime rate** (taxa cobrada pelos maiores bancos ameri-

canos de seus principais clientes) — devem permanecer estabilizadas no patamar atual (entre 10,5% e 11%). "Não peçam para dizer por que, já que eu iria dizer o que não devo" — reagiu Kafka, ao ser indagado se esta tendência nos juros estaria relacionada com os problemas dos credores do Terceiro Mundo ou com as eleições norte-americanas em 1984.

O diretor do FMI aceitou, contudo, comentar alguns aspectos da moratória argentina, ressaltando que a reação dos banqueiros internacionais ao anúncio do Governo Raúl Alfonsín "foi a de sempre, a mesma que se tem com relação à atitude da Venezuela e de outros países". Explicou que, no caso argentino, os bancos já estavam acostumados com interrupções de pagamentos externos e por isso não foram tomados de surpresa na semana passada. Ele não concorda com nenhuma comparação entre Brasil e Argentina, na questão da dívida externa.

"Os dois casos são completamente diferentes, pois o Brasil já está com tudo negociado, tudo em calma" — observou, dizendo que não vê razões para que os banqueiros estejam temerosos com a Argentina, "ou porque estariam alegres". Explicou que "teria sido um grave erro" por parte do Brasil partir para a suspensão dos pagamentos externos como fez Alfonsín: "Primeiro, porque isto não foi necessário e segundo porque nós conseguimos obter tudo de forma negociada, sem precisar recorrer a atos unilaterais que nunca são o melhor caminho em termos de relações internacionais".